



CENTRO DE HUMANIDADES – DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

SIMONE NEVES DE LIMA

A PERSONIFICAÇÃO E A MORAL NA FÁBULA CLÁSSICA

GUARABIRA – PB

2016

SIMONE NEVES DE LIMA

A PERSONIFICAÇÃO E A MORAL NA FÁBULA CLÁSSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA- PB

2016

L732p Lima, Simone Neves de
A personificação e a moral na fábula clássica [manuscrito] /
Simone das Neves. - 2016.
15 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. Literatura Infantil. 2. Fábula. 3. Personificação. 3. Esopo.
I. Título.

21. ed. CDD 028.5

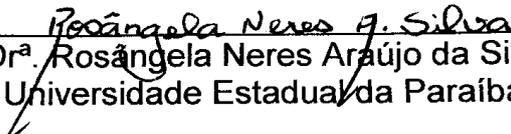
SIMONE NEVES DE LIMA

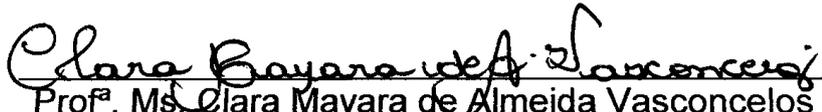
A PERSONIFICAÇÃO E A MORAL NA FÁBULA CLÁSSICA

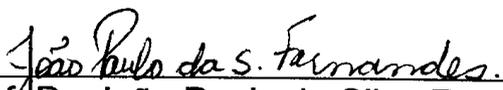
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em 18 de maio de 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Rosângela Neres Araújo da Silva - Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A PERSONIFICAÇÃO E A MORAL NA FÁBULA CLÁSSICA

LIMA, Simone Neves de¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a função do processo de personificação e a construção da moral, na fábula clássica. A literatura infantil, desde sua origem, é essencial na formação de cidadãos mais conscientes e críticos de seu papel na sociedade, o que levou o texto infantil a assumir um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, na infância. Como bases teóricas, utilizamos Coelho (1985), Cademartori (2006), Cunha (2003), Zilberman (2006), dentre outros autores que abordam a origem e as características do texto infantil. Com o estudo da personificação e da moral em “A Raposa e as Uvas”, de Esopo, mostramos a importância da significação e da aprendizagem através da literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Fábula. Personificação e moral. Esopo.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil surge no século XVIII, momento em que a criança passa a ser vista como um ser diferente do adulto, com características e necessidades cognitivas próprias. Segundo Cademartori (2006, p. 38-39), antes desse período, ela ouvia as histórias contadas pelos adultos, compartilhando de uma só literatura.

Ainda nesse período, as boas narrativas literárias eram privilégio de poucas crianças, pois as classes desprivilegiadas tinham acesso apenas às histórias de aventura, como as novelas cavalaria. Os clássicos literários e as primeiras coletâneas de contos eram designados às crianças da burguesia.

¹ Formanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: simoneneveslima22@gmail.com.

A fábula, considerada como os primeiros textos destinados às crianças, tem sua origem no oriente e perpassou os séculos através da oralidade. O grego Esopo compilou alguns textos dessa tradição oral e agrupou-os numa coletânea, sendo considerado o precursor desse gênero literário, seguido por Fedro (século I d.C.) e Jean de La Fontaine (final do século XVII). Nossa pesquisa analisa a função da personificação de personagens e da construção da moral, na fábula clássica “A Raposa e as Uvas”.

Para tanto, utilizamos os pressupostos teóricos dos autores Coelho (1985), Cademartori (2006), Cunha (2003), Zilberman (2006), dentre outros, dividindo o trabalho em três etapas a saber: primeiramente, veremos um breve histórico da Literatura Infantil, desde sua origem até sua contemporaneidade, bem como seus principais autores e textos; em seguida, trataremos das principais características da fábula, sua origem e construção; e por fim, mostraremos a função da personificação e a construção da moral em “A Raposa e as Uvas”, de Esopo.

2 ORIGENS DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil originou-se no começo do século XVIII, momento em que a criança passa a ser considerada como um ser diferente do adulto, exigindo formas específicas de desenvolvimento sociocognitivo. Esse momento foi importante para a infância, pois a literatura corrente na época era destinada ao adulto e não continha elementos que pudessem manter uma identificação com o universo da criança.

Neste sentido, Zilberman (2006, p.15) aponta que:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma condição especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilham dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções.

Assim, vemos que os textos passaram a ser mais específicos, com a valorização da infância, mas os métodos de controle ainda permaneciam. A literatura advinda da tradição oral foi modificada para a inclusão de costumes burgueses e a valorização dessa sociedade, que estava em ascensão. A moralidade é uma condição específica nesta sociedade, portanto, a inclusão de valores moralizantes era uma preocupação nas artes e na literatura. Como a criança estava em formação, era necessário acrescentá-los aos textos aos quais ela tinha acesso.

Para alguns escritores, a literatura infantil não teria sentido se não refletisse a experiência da criança. Foi por isso que gerou vários questionamentos: Existe mesmo uma literatura infantil? O que deve ser abordado numa literatura para esse público?

Entretanto, pode acontecer de a obra infantil agradar também ao adulto, assim como uma obra escrita para o adulto seja do gosto de uma criança, voltando-se ao modelo de literatura compartilhada, mantida até o século XVII.

Segundo Drummond (apud CUNHA, 2003, p.25):

O gênero 'literatura infantil' tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro de viagens ou aventuras, destinado aos adultos, que não possa ser dado às crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte?

Portanto, aqueles que defendem a hegemonia estrutural da literatura, a especificidade da literatura infantil pode incomodar um pouco. Observa-se que mesmo direcionada à criança, não quer dizer a literatura infantil não possa ser apreciada pelo adulto, ou a criança não possa ser instigada pelas histórias escritas para o adulto, desde que, obedeça às regras estéticas de composição, dentre elas, a adequação da linguagem.

Ainda sobre essa distinção de literatura, Cademartori (2006, p. 52-53) aponta que alguns escritores de obras infantis e juvenis são também escritores de

literatura considerada para o público adulto, tais como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Chico Buarque e Ana Maria Machado. Alguns desses autores escrevem obras infantis que são facilmente apreciadas pelos adultos, mostrando que não é exatamente o público o que define essa literatura, mas possivelmente sua temática. Durante o passar dos tempos, as editoras de livros adotaram uma categorização das obras literárias, por uma exigência do mercado e como uma solução de vendas desses livros para públicos específicos.

A infância recebeu os primeiros textos infantis através da coletânea de contos escrita pelo francês Charles Perrault, no final do século XVII. Esses textos eram uma adaptação de contos da tradição oral e foram modificados para se adequarem aos valores da sociedade burguesa. Tanto ele quanto os Irmãos Grimm eram colecionadores de histórias folclóricas, porém Perrault ausentou o dado folclórico dos contos, privilegiando características do contexto burguês, enquanto que os Irmãos Grimm mantiveram muitos desses dados. Isso produz contos de fadas diferenciados em muitos aspectos, como afirma Cademartori (2006, p. 36):

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observem-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo: referências à vida na corte, como em *A Bela Adormecida*; à moda feminina, em *Cinderela*; ao mobiliário, em *O Barba Azul*. (Grifos da autora)

Perrault tinha acesso aos contos populares através de contadores (os servos) que serviam à sua família. Em suas obras pode ser notado um pouco de sarcasmo sobre a classe popular. Já que a preocupação com uma literatura pedagógica era intensa nesse contexto, era natural que fossem deixadas de lado as superstições populares, por acreditar que elas poderiam interferir nos ensinamentos.

Depois de Charles Perrault, a partir do século XIX, outras coletâneas e obras para a infância surgiram: a dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, na Alemanha, com “João e Maria” e “Rapunzel”; Hans Christian Andersen, na Dinamarca, com “O patinho feio” e “Os trajes do imperador”; Collodi, na Itália, com seu “Pinóquio”; Lewis

Carroll, na Inglaterra, com o famoso “Alice no País das Maravilhas”; Frank Baum, nos Estados Unidos, com “O mágico de Oz”; e James Barrie, na Escócia, com “Peter Pan” (CADEMARTORI, 2006, p. 33-34).

Segundo Cunha (2003, p. 23), a literatura infantil no Brasil teve início no século XX, com a produção de obras pedagógicas e adaptações de algumas produções portuguesas. Essa fase é representada por alguns autores em especial, tais como: Carlos Jansen, com os “Contos seletos das mil e uma noite”, “Robison Crusóé” e “As viagens de Gulliver”; Figueiredo Pimentel, com “Contos da carochinha”; Coelho Neto e Olavo Bilac, com os “Contos pátrios”; e Tales de Andrade, com “Saudade”.

Entretanto, é com Monteiro Lobato que literatura infantil brasileira ganha foco e espaço. Sua obra é diversificada quanto ao gênero, utilizando-se de aspectos e costumes típicos da vida cultural brasileira. É o reconhecido autor do Sítio do Picapau Amarelo e adaptador dos contos de fadas clássicos e das histórias da mitologia. Sua obra também apresenta um diálogo criativo com obras específicas da literatura infantil, como Peter Pan, por exemplo. Assim, Lobato corta os laços com os padrões impostos à arte literária que não privilegiava aspectos populares, construindo uma relação importante entre a literatura infantil e os problemas sociais.

Segundo Cademartori:

Rompendo com os padrões prefixados do gênero, seus livros *Infantis* criam um mundo que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e preconceitos da situação histórica em que é produzida. (CADEMARTORI, 2006, p.48-50)

Além de ter dado início a literatura infantil brasileira, Lobato também foi responsável por abrir novos espaços para vários autores nacionais. Nesse sentido, uma revolução estética e temática pode ser observada nessa literatura, a exemplo dos livros de narrativas imagéticas de Eva Furnari; dos elementos específicos da cultura brasileira do norte e nordeste, de Joel Rufino dos Santos; a adaptação do gênero cordel de Reynaldo Valinho Alvarez; as questões sociais, de Ruth Rocha; a

espontaneidade e criatividade da infância, com Ziraldo; e as mudanças e conflitos ocorridos na pré-adolescência, abordados por Lygia Bojunga.

Esse período frutífero para a literatura infantil, também verificou investimento em novos gêneros para a infância, como a poesia infantil. Os representantes são por nós muito conhecidos e apreciados pelas crianças: Cecília Meireles com “Ou isto ou aquilo”; Vinicius de Moraes com “A arca de Noé” e Mário Quintana, com “Pé de pilão”.

3 A FÁBULA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Moisés (2004, p. 184) define o termo fábula como uma narrativa curta, que tem como principal característica a presença de uma moral, explícita ou implícita. É protagonizada por animais que aludem características humanas, de forma satírica ou pedagógica. Por esses aspectos, a fábula é agrupada como um texto alegórico.

Seu surgimento data do século VI a.C., com Esopo. Tem tradição oriental e está relacionada à oralidade. Apreciada desde a Idade Média, a fábula teve sua maior repercussão no século XVIII, através da obra de autores que seguiram os passos de La Fontaine, considerado o mais inventivo dos fabulistas, fazendo com que esses textos perpassassem os séculos, como afirma Coelho:

A Jean de La Fontaine (1621-1692) coube o mérito de dar forma definitiva, na literatura ocidental, a uma das espécies literárias mais resistentes ao desgaste do tempo: a fábula. Embora escrevendo para adultos, La Fontaine (ou melhor, suas fábulas) tem sido leitura obrigatória das crianças de todo o mundo. A despeito das acusações e recusas que elas têm recebido, através dos séculos, e das muitas transformações sofridas, as fábulas continuam vivas, sendo retomadas de geração em geração e traduzidas em todas as línguas. (COELHO, 1985, p.60)

Assim, como mostra Moisés (2004, p. 184), muitas outras coletâneas perpetuaram o trabalho dos primeiros fabulistas, a exemplo de:

- Fábulas e contos (1853), de Garrett;
- Fabulário(1885), de Henrique O’Neill;
- Fábulas para a Gente Moça (1955), de João de Deus;
- Fábulas (1955), de Cabral do Nascimento;
- Fábulas (1921), de Monteiro Lobato.

No Brasil, a fábula teve início com Monteiro Lobato, no século XX, a partir da obra “Sítio do Pica-pau Amarelo”. Lobato também adaptou fábulas clássicas de Esopo e La Fontaine, acrescentando os personagens e situações do Sítio. O autor se utiliza da prosa para recontar suas fábulas e ainda coloca, ao final da narrativa, discussões em torno do tema em questão. O autor dedicou ao público infantil uma coletânea de fábulas, em que podemos encontrar: “A cigarra e a formiga”, “A coruja e a águia”, “O lobo e o cordeiro.”

Segundo Cunha (2003, p. 54), através de suas fábulas, Lobato faz críticas e denúncias de injustiças, para que com isso o público infantil possa refletir sobre as atitudes humanas. Autores mais contemporâneos como Millô Fernandes, por exemplo, reinventa fábulas com elementos humorísticos e ironia, como podemos ver nas suas obras “Fábulas fabulosas” e “Novas fábulas fabulosas”. Também as histórias em quadrinhos adaptam o gênero, utilizando personagens característicos e conhecidos do público infantil, como podemos verificar na obra de Maurício de Souza, “A Turma da Mônica”.

4 A FUNÇÃO DA PERSONIFICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA MORAL EM “A RAPOSA E AS UVAS”, DE ESOPPO

A criança, segundo a psicologia, passa por mudanças, desde que nasce até entrar na adolescência. Reconhecendo essas mudanças, a literatura infantil agrupa cada gênero literário para determinada fase. Assim, a fábula encontra-se na fase do mito, fase essa em que são observados, no desenvolvimento cognitivo da criança, fenômenos como a fantasia e a subjetivação, uma vez que para ela os

objetos, assim como as pessoas, possuem vida.

Na realidade, cada criança tem seus próprios limites, num desenvolvimento peculiar definido por muitos e diferentes fatores. Mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, importa conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro. (CUNHA, 2003, p. 99-100).

A fábula clássica obedece aos elementos literários necessários e apreciados pelas crianças na fase do mito. Segundo Zilberman (2006, p. 29), sua estrutura possui:

- Narrativa curta, em prosa;
- comportamento antropomórfico² dos animais;
- aspectos, virtudes, qualidades e/ou defeitos do caráter humano;
- temática variada;
- personagens tipo, representando o comportamento de um conjunto de pessoas, como por exemplo a Cigarra, que representa os seres que são irresponsáveis, e a Formiga, como representação dos trabalhadores.
- lição moral no final da história.

Como um gênero advindo da oralidade, pode apresentar várias versões. No texto de Esopo, considerado a fábula clássica, a gênese dessa história advinda da tradição oral que perpassou os séculos, a Raposa deseja alcançar cachos de Uvas escuras, suculentos e apetitosos.

² De forma semelhante ao ser humano, como os sentidos.

A RAPOSA E AS UVAS

Uma Raposa, morta de fome, viu, ao passar diante de um pomar, penduradas nas ramas de uma viçosa videira, alguns cachos de exuberantes Uvas escuras, e o mais importante, maduras.

Não pensou duas vezes, depois de certificar-se que o caminho estava livre de intrusos, resolveu colher o seu alimento.

Usou de todos os seus dotes, conhecimentos e artifícios para apanhá-las, mas como estavam fora do seu alcance, acabou cansando-se em vão, e nada conseguiu.

Desolada, cansada, faminta, frustrada com o insucesso de sua empreitada, suspirando, encolheu de ombros e deu-se por vencida.

Deu meia volta e foi-se embora, dizendo: “As Uvas afinal estão verdes, não me servem...”

Quando já estava indo, um pouco mais à frente, escutou um barulho como se alguma coisa tivesse caído no chão... Voltou correndo pensando ser as Uvas.

Mas quando chegou lá, para sua decepção, era apenas uma folha que havia caído da parreira. A raposa, decepcionada, virou as costas e foi-se embora de novo.

MORAL DA HISTÓRIA

Ao não reconhecer as próprias limitações, o vaidoso abre caminho para a própria infelicidade.

(ROCHA, Ruth. Fábulas de Esopo. São Paulo: Editora Salamandra, 2010)

O processo de personificação da fábula é geralmente utilizado para proceder uma crítica em relação a usos, costumes e pessoas de determinado contexto. Em “A Raposa e as Uvas”, Esopo provavelmente faz referência às pessoas que desejam alcançar bens materiais de difícil acesso. Note-se na fábula, que o objeto de desejo da Raposa também é grafado com inicial maiúscula. Essa característica da linguagem literária mostra a importância do objeto, transformando-o numa alegoria, conforme explica Moisés (2004, p. 14):

A alegoria constitui uma espécie de discurso inicialmente apresentado com sentido próprio e que serve de comparação para tornar inteligível um outro sentido que não é expresso. [...] O aspecto material funciona como um disfarce, dissimulação, ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional.

A personificação da Raposa representa o grupo de pessoas que usam da vaidade para alcançar seus objetivos. Em nosso contexto e no imaginário corrente, a figura da raposa é sempre tida como perigosa, voraz, faminta, e que não mede esforços para conseguir o que deseja. É também um animal carnívoro, característica importante para observamos a ênfase da alegoria. É como se desde o início, a fábula apontasse para o fracasso da Raposa, por almejar aquilo que não lhe pertence e o que não é para si.

Isso pode ser comprovado pelo empreendimento inútil de seus esforços: “Usou de todos os seus dotes, conhecimentos e artifícios para apanhá-las, mas como estavam fora do seu alcance, acabou cansando-se em vão, e nada conseguiu.” (ROCHA, 2010). Quando finalmente desiste, outras características de personificação também podem ser observadas: ela desdenha das Uvas, colocando que estão verdes, e isso acontece somente por não conseguir alcança-las.

Conseqüentemente, essas características nos levam ao resultado de sua empreitada, mostrando-nos sua frustração e decepção. Depois que abandona as Uvas, a Raposa ainda retorna a elas, por achar que haviam finalmente caído. Em nenhum momento, ela se dá conta da impossibilidade de alcançar os frutos.

Apesar de a moral da história ser construída ao longo de toda a fábula, é na sua frustração e decepção que percebemos a vaidade da Raposa. Como ela é incapaz de reconhecer as próprias limitações, um sentimento muito importante na caracterização humana, ela coloca defeito nas Uvas e decide abandoná-las: “As Uvas afinal estão verdes, não me servem...” (ROCHA, 2010), e nada menciona sobre sua incapacidade de conseguir os frutos.

Desse modo, a moral da história mostra o não reconhecimento das próprias limitações, o que conseqüentemente acarreta a infelicidade. Não é raro vermos pessoas que almejam objetos que não podem ser seus ou que desejam os pertences de outras pessoas, comumente apontando que essas pessoas não

merecem o que têm. Esse fator estabelece uma relação com a fábula de Esopo, entendendo que este gênero literário continua a perpassar, com maestria e habilidade, os dias atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa análise sobre a fábula clássica, percebemos que a literatura infantil é capaz de transformar os limites da infância, agrupando histórias que perpassam os séculos e que continuam atuais, pois estão intrinsecamente relacionadas ao universo do cotidiano humano.

As reflexões que os textos permitem podem auxiliar no desenvolvimento cognitivo da criança, tornando-a atenta às manifestações de construção de seu caráter. As fábulas auxiliam nesse aspecto, porque vimos que desde os textos clássicos, elas possuem importância psicológica e pedagógica.

Com “A Raposa e as Uvas” percebemos a importância da aceitação das próprias limitações, concordando que o desprezo por coisas que não conseguimos obter é simplesmente uma decorrência de nossas frustrações e decepções. Poderíamos até justificar os sentimentos da Raposa através do fato de ela estar faminta e de seus esforços para conseguir os frutos. Entretanto, a questão de ela quere-los somente para si é um indício de vaidade, o que vai de encontro a valores considerados humanos.

Assim, aproveitamos a fase do mito na infância para mediar novas aprendizagens e dar à criança condições de refletir sobre seu papel na sociedade, papel este que está apenas começando, além de desenvolver o gosto pela leitura literária.

REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

ROCHA, Ruth. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Editora Salamandra, 2010

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Editora, 2006.